

CENTRO UNIVERSITÁRIO ASSIS GURGACZ – FAG

**BRUNA DE ARRUDA PINTO
LUCAS ANDREY RODRIGUES**

**LITERATURA MEDIEVAL: ANÁLISE COMPORTAMENTAL DO PERSONAGEM
MONGE EM “O CONTO DO HOMEM-DO-MAR”, DE GEOFFREY CHAUCER**

CASCADEL, PR

2021

CENTRO UNIVERSITÁRIO ASSIS GURGACZ – FAG

**BRUNA DE ARRUDA PINTO
LUCAS ANDREY RODRIGUES**

**LITERATURA MEDIEVAL: ANÁLISE COMPORTAMENTAL DO PERSONAGEM
MONGE EM “O CONTO DO HOMEM-DO-MAR”, DE GEOFFREY CHAUCER**

Trabalho apresentado no Curso de Letras
como requisito fundamental para a
aquisição do título de licenciado em
Letras pelo Centro Universitário Assis
Gurgacz – FAG.

**Professora orientadora: Leandra
Aparecida Fumagalli.**

CASCADEL, PR

2021

LITERATURA MEDIEVAL: ANÁLISE COMPORTAMENTAL DO PERSONAGEM MONGE EM “O CONTO DO HOMEM-DO-MAR”, DE GEOFFREY CHAUCER

RODRIGUES, Lucas Andrey¹
PINTO, Bruna de Arruda²
FUMAGALLI, Leandra Aparecida³

RESUMO: O presente trabalho tem como propósito expandir olhares acerca de vieses comportamentais presentes em um dos contos que compõe a obra que mais contribuiu com a Literatura Medieval. O objetivo geral é a análise dos aspectos sociais e condutas, que salientam a atemporalidade no comportamento humano, normalizado mediante discursos amigáveis, mesmo os atribuídos a personagens religiosos. Assim, para tal estudo, foi selecionado, como objeto de análise deste trabalho, “O Conto do Homem-do-Mar”, de Geoffrey Chaucer, pertencente à famigerada e inacabada obra *Os Contos de Cantuária*. Tal obra foi responsável pela expansão e avanço da Língua Inglesa nos primórdios medievais e pela influência em gerações de escritores ingleses, além de proporcionar à literatura uma visão de mundo real sobre as pessoas. Em vista disso, foram analisadas, nesse texto, as marcas comportamentais expressadas pelo “Monge”, denominado “Sir John” que, teoricamente e historicamente, não lhe são intrínsecas, mas estão nos dizeres populares desde as épocas as quais se produzem obras literárias com a presença de figuras devotas em seus enredos. Para realizar essa análise, foram considerados os discursos de Alves (2016); Luiz (2018); Macedo (2004); Medeiros (2013); Scheidt (2006), os quais contribuíram para que fosse possível concluir que há atemporalidade comportamental humana em obras que transcendem gerações literárias, seja ela hierática ou não.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura medieval, Idade Média, Atemporalidade comportamental.

MEDIEVAL LITERATURE: BEHAVIORAL ANALYSIS OF THE MONGE CHARACTER IN “THE TALLY OF THE SEAMAN”, BY GEOFFREY CHAUCER

ABSTRACT: The following paper aims to expand what is known regarding the behaviorist perspectives which have been found in one of the British tales that has most contributed to Medieval Literature worldwide. The purpose of the current study is the analysis of the social conducts that may highlight timelessness in human behavior since this tends to be normalized before friendly speeches, even by the ones attributed to religious figures. Therefore, “O Conto do Homem-do-mar” (The Canterbury Tales), by Geoffrey Chaucer, has been chosen to be investigated as it belongs to the infamous and unfinished literary work “Os Contos de Cantuária” (The Canterbury Tales). It has been known that such masterpiece has been hold accountable for the development and expansion of the English language by the early years of medieval times, as well as for its influence on generations of British writers. In addition, it has provided Literature with a broad view towards people and the real world. Hence, we have analyzed the human behavior performed by the Monk, also known as Sir John who, historically and in theory are not intrinsic, although they might be found in proverbs or sayings ever since Literary works have included ecclesiastical figures. Thus, once having as theoretical basis the arguments presented by Alves (2016); Luiz (2018); Macedo (2004); Medeiros (2013); Scheidt (2006), the result of this analysis has shown the timelessness of human behavior in works that have transcended literary generations, whether they are hieratic or not.

KEYWORDS: Medieval Literature, Middle Ages, Behavioral Timelessness.

¹Acadêmico do curso de Letras-Português/Inglês no Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz, lucasandrey02@gmail.com.

²Acadêmica do curso de Letras-Português/Inglês no Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz, brubsarruda@gmail.com.

³Docente do curso de Letras-Português-Inglês no Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz, lehartet@hotmail.com.

1 INTRODUÇÃO

Geoffrey Chaucer é um grande literário da Língua Inglesa e uma de suas maiores obras foi *The Canterbury Tales* (*Os contos da Cantuária*), escrito no final do século XIV. O livro é composto por 24 contos, narrados por várias pessoas no decorrer de uma peregrinação de Southwark à Catedral da Cantuária. Entre essas histórias destaca-se “O conto do Homem-do-Mar”.

O homem do mar relata, sem dúvida nenhuma, uma história por demais instigante, a qual serviu de base para o desenvolvimento deste estudo. Tal história é assim descrita porque relata um jogo de lascívia entre um clérigo e a esposa de um mercador, que resulta em uma traição. Justamente por isso, a proposta do presente projeto é a análise literária, segundo a qual as considerações dos aspectos sociais dos personagens e dos comportamentos presentes na narrativa serão destacadas.

Para guiar essa análise, busca-se responder os seguintes questionamentos: Quais comportamentos colocam em xeque a estrutura moral da Igreja da época? Esses comportamentos influenciam na imagem social e religiosa de uma pessoa que opta por uma vida austera?

A hipótese a ser sondada nesta pesquisa bibliográfica é de que as questões comportamentais ligadas a eclesiásticos foram evidenciadas a partir da narrativa que se desenvolveu na idade média, época na qual a Igreja possuía grandes prestígios, e como os mesmos comportamentos possuem atemporalidade. Tais manobras religiosas nos tempos medievais formavam desconfianças em relação à santidade, as quais nos direcionam a investigar os aspectos acerca da falta de ética social.

A principal motivação para sustentar o presente projeto de pesquisa reside na importância que o tema possui para a sociedade atual, tratando-se de um assunto atemporal e polêmico. Nesse sentido, estudar *O Conto do Homem-do-Mar*, de Geoffrey Chaucer, é importante para expor os comportamentos que contrariam a santidade pregada. Ao identificar comportamentos atemporais, a análise conectará a sociedade com os acontecimentos obscuros que transcendem séculos, os quais estão presentes desde os tempos medievais na Literatura Inglesa, tornando-se capaz de sintetizar as condutas que colocam em xeque a moral da Igreja na Idade Média e identificar a hodiernidade presente.

Destarte, esta pesquisa trará contribuições que objetivam potencializar evidências que fortalecem a atemporalidade dos comportamentos humanos, considerando os acontecimentos e discursos vistos como imorais pelo clero, utilizados somente para apossar-se de situações benéficas particulares, como, por exemplo, a busca pelo prazer ou dominar situações que o coloque em risco. Para tanto, apresentaremos, primeiramente, o contexto social e a época em qual Chaucer pertenceu. Após, sintetizaremos a obra “Os Contos da Cantuária”, e, por fim, discutiremos a questionável postura eclesiástica presente em “O Conto do Homem-do-Mar”.

2 ARTÍSTICO, LITERÁRIO E HISTÓRICO: GEOFFREY CHAUCER

Entre muitos autores literários da Língua Inglesa, Geoffrey Chaucer é um dos destaques, devido à produção da obra *Os Contos da Cantuária* (*The Canterbury Tales*). Os Contos começaram a ser publicados em, aproximadamente, 1475, mas a data de produção é uma incógnita, pois não há uma informação concreta, apenas especulações de que possa ter sido entre 1386 a 1400, ano de sua morte. A obra é uma coleção de histórias de cavalarias escritas em prosas e versos, as quais consistem em narrativas de peregrinação contadas por, aproximadamente, 30 pessoas (inclusive, o autor) que saíram de Londres para a Cantuária. Entre esses peregrinos estava o Albergueiro que foi quem recebeu e acomodou os outros. Além de se reunir aos demais romeiros à sua própria custa e se oferecer como guia, foi descrito como o melhor burguês; algumas de suas características marcantes são o falar o que pensava e o estar sempre alegre.

Como guia, então, e para que a viagem ficasse menos entediante, o Albergueiro sugeriu que cada um contasse duas histórias na ida e duas histórias na volta; o melhor narrador ganharia um jantar e quem se recusasse a participar teria que bancar os gastos de todos os outros peregrinos. O livro deveria conter 120 histórias, porém não foi finalizado. Na visão de Vizioli (1988), o autor descreveu cada romeiro pela sua posição social, personalidade ou vestimenta. Entre eles havia o Homem-do-mar, que era o capitão de um navio, descrito como um sujeito bom e de caráter com competência profissional, apesar da falta de escrúpulos. Assim, segundo Luiz, citando a obra *Boccaccio and Chaucer*, de Borghesi,

The Canterbury Tales não tinha apenas um valor artístico, literário e histórico, como também o seu propósito de composição era político e religioso, e além do fato de que apesar de retratar os variados tipos das classes sociais de sua época, ela também é a expressão do seu conhecimento de vida, do seu estilo flexível e, acima de tudo, popular, ou seja, Chaucer retrata a sociedade da época, misturando “a sabedoria com o humor que diverte seus espectadores e os atrai para ele” (LUIZ, 2018, p. 253 apud BORGHESI, 1903, p. 48)

Além dos aspectos mencionados no excerto acima, o valor artístico, literário, histórico e o humor, *The Canterbury Tales* contribuiu para a evolução da língua inglesa. Esta transitou por três períodos: *Old English*, *Middle English* e *Modern English*, sendo os três de extrema relevância para a consolidação da língua, ainda que o inglês moderno seja muito diferente do inglês antigo. Diante disso, falaremos da contribuição de *The Canterbury Tales* para essa história do inglês. Por mais, porém, que a evolução e a consolidação da língua inglesa se consolidassem sem que Chaucer nunca tivesse escrito uma palavra, o mesmo não poderia ser afirmado quanto ao modo de escrita, visto que fez história por escrever preciosamente.

É importante notar que a obra contribuiu imensuravelmente para sedimentar a literatura do Ocidente, pois foi escrita em Inglês Médio (*Middle English*); responsabilizada pela consolidação do idioma como língua literária, substituiu o francês e o latim utilizado à época. Por isso, além de contribuir para a literatura e pertencer à classe da nobreza, Chaucer pôde se doar para a produção rica em detalhes e críticas sociais. Segundo Alves (2016, p. 7), Chaucer mantinha relações com a nobreza da Inglaterra, e, após o literário se casar com Philipa, o autor menciona que ele passou a exercer funções na corte, possibilitando maior disponibilidade, meios influentes e recursos financeiros para se dedicar às produções dos Contos de Cantuária.

Nesse sentido, a produção representa tanto o mundo que estava à volta do escritor, na Itália, quanto propõe uma contradição entre princípios teóricos capazes de gerar conflitos, pois satiriza questões sociais e morais pertinentes a comportamentos vistos na época. Na opinião de Luiz (2018, p. 251), Chaucer, de forma humorística, aborda temas socioculturais polêmicos, atingindo uma esfera da alta sociedade, como a corrupção, o esquema de contracheque que envolvia a Igreja, bem como, especialmente, a isonomia entre homens e mulheres, as quais,

em suas obras, são personagens que contradizem os atos que foram preconizados pela igreja há muito tempo e que viabilizava maior autonomia ao homem.

Em consequência disso, a rica produção de Chaucer não tinha apenas um valor artístico-literário, mas também político e religioso. Dessa forma, por mais que o principal objetivo da composição fosse retratar os estilos das classes sociais com o propósito de divertir os leitores, não se desprende de expor características políticas e religiosas mesmo sem ser um militante social, pois buscava expor a realidade que envolvia seu cotidiano.

Essas características, porém, não partem apenas de ideias próprias do escritor da Idade Média. Luiz (2018, p. 251) conceitua que, entre as possíveis influências para a produção dos Contos da Cantuária, a obra *Decameron*, publicada entre 1348 e 1353, de Giovanni Boccaccio, teve maior contribuição. Tal comparação é possível devido à presença de personagens que compunha as diferentes esferas sociais dialogando todos uns com os outros, como fora relatado durante a peregrinação para a Cantuária, bem como as sátiras que retratavam a realidade da classe dominante a qual o mesmo pertencia, mas que tecia inúmeras críticas aos costumes sociais.

Também é importante ressaltar que os ideais da Idade Média se caracterizam essencialmente pela subjugação do homem a Deus, e, portanto, pela obediência cega às leis do catolicismo, que grandemente limitavam a liberdade de expressão. (SCHEIDT, 2006, p. 262)

Com as influências renascentistas italianas, ele elevou a obra a um patamar que contestava os costumes, condenando principalmente a hipocrisia presente na Igreja da Idade Média.

A partir do contexto geral aqui oferecido, o intuito, agora, é apresentar o Conto do Homem-do-Mar.

2.1 “O CONTO DO HOMEM-DO-MAR”

Todas as narrativas presentes em *Os Contos de Cantuária* possuem uma seção pré-inicial intitulado “prólogo”, isto é, um momento em que são dados os elementos que antecipam o início das narrações, como se compusesse os bastidores da cena principal. Assim, por meio do prólogo geral da obra, conhecemos

tanto a comitiva que chega à hospedaria “Tabardo” – o cavaleiro, o escudeiro, um criado do cavaleiro, duas freiras, três padres, um monge, um homem do mar, um magistrado, um estudante de Oxford, entre outros – quanto seu objetivo – partir para Cantuária. Embora a menção desses elementos seja importante para entender a composição da obra, o que serve de mote para o início das narrativas, sobretudo a que pretendemos analisar, é a ideia do Albergueiro, quem recebe e acompanha os integrantes da comitiva. Diz ele:

(....) para encurtar a longa estrada, proponho que cada um de vocês conte dois contos na viagem de ida a Cantuária (é o que tenho em mente); e que mais tarde, na volta, cada um conte mais dois, sempre a respeito de casos antigos do passado; e quem se sair melhor, isto é, quem narrar a história mais rica de conteúdo e de mais graça, ao regressarmos receberá de prêmio uma bela ceia, oferecida por todos nós, aqui mesmo na estalagem, sentado junto a este pilar. E, para que haja mais animação, estou disposto a reunir-me a vocês às minhas próprias custas, para ser seu guia. E quem contradisser meu julgamento terá que pagar as despesas de viagem de nós todos. (CHAUCER, 1988, p. 22).

Sob a promessa de animação ao longo da viagem, ele organizou um sorteio com pedaços de palha; quem tirasse o pedaço mais curto, iniciaria. Pela sorte, o Cavaleiro foi quem narrou o primeiro conto. Tal como descrito pelo seu nome, o Cavaleiro amava cavalaria e seguia o estereótipo da época: era leal, honroso e generoso; esteve em várias guerras e torneios mortais com muita bravura, e apesar disso nunca teve alguma conduta rude. A história dele era sobre dois cavaleiros envolvidos em um romance: como ambos queriam casar com a mesma moça, combinaram em preparar um exército para duelarem. O vencedor receberia o ‘prêmio’ motivador do duelo.

Há muitas outras narrativas, além da do Cavaleiro. Precedente ao “Conto do Homem-do-mar”, escolhido para análise, tem-se o “O Conto do Magistrado”. O Magistrado era um jurista que possuía muita sensatez nas palavras e foi descrito como um homem de muito respeito. Pela sua carreira e renome, era sempre lembrado e presenteado. Seu conto, ao contrário do que analisaremos, relata a história de uma moça devota a Deus, que passa por dificuldades, mas sem perder a fé. O objetivo dessa narrativa era trazer à tona a experiência daqueles que sobreviveram ao impossível porque creram.

Após isso, conhecemos o prólogo do *O Conto do Homem-do Mar*. Por ele, sabemos que o Albergueiro solicitou para que o Pároco fosse o próximo a contar sua história, pedindo “pela grandeza de Deus”. O Pároco, por sua vez, não gostou que o outro peregrino usasse o nome de Deus em vão, e, em tom irônico, o Albergueiro retrucou dizendo para todos se prepararem que o *lollard*⁴ iria fazer um sermão. Tal como podemos ler, eis as palavras do último personagem citado: “Oi, Jankin! É você que está aí, padreco? Sinto o cheiro de um fanático no ar’. E, voltando-se para os outros: ‘Atenção, boa gente! Prestem todos atenção! Pela santa Paixão de Cristo, esperem, porque agora vamos ouvir uma prédica. Este *lollard* aqui quer nos fazer um sermão’”. (CHAUCER, 1988, p.71).

Nisso, o Homem-do-mar interveio indagando que ali ninguém iria pregar, ironizando o conto anterior. Além disso, frisou que nem mesmo ensinaria o Evangelho, uma vez que todos eram conhecedores e fieis a Deus e se dispôs a contar a próxima história. Previamente, disse ele, porém, “meu conto não tem nada de filosofia, nem de ciência fílsica [sic], nem daqueles termos arrevesados dos juristas. Tenho pouco latim no papo” (CHAUCER, 1988, p. 71); após, iniciou sua história.

O Conto do Homem-do-Mar apresenta três personagens principais: um mercador, a esposa e um monge chamado “Sir John”. O enredo é construído por meio de um vínculo familiar criado entre o mercador e o monge, os quais eram amicíssimos e consideravam-se, inclusive, primos. Sir John era um conterrâneo da cidade natal do mercador, ou seja, agregava, além de um bom relacionamento entre eles, uma visão social positiva, pois o mercador abrigava-o em sua casa. Ademais, o monge John entregava gorjeta aos servos da moradia e presentes aos donos.

Depois das apresentações gerais, o enredo de fato começa. Por ele, sabemos que o mercador, preparando-se para viajar, ficou trancado em um escritório em casa para contar todo seu dinheiro. Nesse ínterim, seu primo (monge Sir John) encontrou a esposa de seu hospedeiro enquanto perambulava pelo jardim da casa. Ela, segundo a narrativa, levantou questões pessoais e muitas reclamações da forma em

⁴ “A origem do termo lolardo se origina da língua holandesa e significa murmuradores ou lollium, joio. Eles disseminavam seus pensamentos entre o povo, recebendo maior aceitação das classes mais pobres. Tornaram-se pregadores leigos, anunciando e apontando os desvios da Igreja, bem como do clero, incluindo desvios de ordem moral, o culto às imagens e a doutrina da transubstanciação.” (BOSTICK, 1998. p. 23)

que vivia com mercador, dentre os quais se evidenciavam deveres conjugais e liberdade própria para realizar determinadas ações.

Após as devidas reclamações, a esposa do mercador pediu ao monge a quantia de cem francos para pagar um vestido; em troca, ela não pestanejou em oferecer suas carícias. Dada, pois, a petição destacada, depois do jantar com o casal, o monge adquire como empréstimo a quantia de cem francos. A justificativa oferecida para o mercador foi a de que compraria gado em algumas propriedades próximas, mas o mesmo pediu segredo e prometeu que o pagaria sem demora. Além de o mercador conceder o dinheiro solicitado, deixou um prazo indefinido para o pagamento. Sem saber, todavia, sobre a conversa e sobre a promessa que sua esposa fez ao monge, ele parte para a viagem de negócios e deixa o caminho livre para o encontro entre os dois.

O tempo passa e o mercador retorna de viagem. Por motivos de compromissos financeiros e negócios a tratar, decidiu ir até Paris emprestar dinheiro junto aos amigos; antes, no entanto, resolveu visitar o seu primo, o qual estava em sua abadia. A visita não foi bem vista e muito menos aceita pelo monge. Este alegou que o mercador estava a caminho para visitá-lo com o objetivo único de cobrar a quantia de cem francos e que, segundo o monge, já havia sido quitada com a esposa do mercador. Com efeito, sentiu-se julgado pelo monge, porquanto sua intenção era a de realmente visitá-lo sem cobranças. Tal fato entristeceu o mercador por não corresponder à realidade.

Quando o mercador retornou para casa, foi recebido calorosamente pela esposa, e passou uma noite de amor em seus braços, mas criticou-a duramente em razão de que ela havia recebido o dinheiro do empréstimo ao monge sem ter lhe comunicado. A mulher se defendeu dizendo que imaginava que o monge havia dado um presente a ela e que não seria o pagamento de uma dívida, mas sim uma maneira de agradecer ao mercador pela forma como era tratada quando os visitava. Dessa forma, ela pediu desculpas, já que havia gastado o dinheiro em roupas. Diante da história, o marido apenas riu e a perdoou; o conto é finalizado com a consumação do engano providenciado pelo religioso e pela esposa do mercador.

O que, porém, esse conto significa? Como podemos interpretá-lo? Será que há, nele, elementos que possam ser considerados atuais? A partir da contextualização realizada e do quadro geral que formamos, aqui, nossa tarefa, na

próxima seção, será a análise minuciosa acerca dos comportamentos apresentados pelo personagem Sir John, o monge. A relevância de tal análise deve-se ao fato de que a Igreja possuía uma grande estrutura moral a ser preservada, porém as condutas das personagens se mostram contrárias e colocam em xeque a moral religiosa da Idade Média, comprovando que tais comportamentos são atitudes hodiernas. Para subsidiar nossa argumentação, apresentaremos, pois, algumas características da literatura medieval e destacaremos o padrão literário dos *fabliaux*.

2.2 ANÁLISE DO CONTO

A literatura medieval foi marcada principalmente pelos temas religiosos, escritos muitas vezes pelos cleros que só chegavam a membros nobres. Para o povo, havia apenas canções curtas com histórias de heróis, as quais possuíam diferentes temáticas, mas nada acerca do que era veiculado na alta cúpula. Em concordância com Macedo (2004, p. 9), a literatura medieval, por conta disso, chegou a ser escrachada e questionada quanto aos seus valores, uma vez que o fanatismo acerca das características tradicionais era exagerado, tornando as obras sem valor literário. Também, segundo o escritor Pierre Yves Badel (1969, p. 200), na Idade Média, havia uma narrativa transitada por diferentes formas, com repetições ou diferenciação nos nomes, tornando a transição literária das obras um processo complexo para legitimar.

Em contribuição ao que foi anteriormente mencionado, é válido notar que antes das obras de Chaucer, havia uma lacuna a ser preenchida: a falta de um grande literário para marcar a história da literatura medieval. Integrado à literatura medieval, existiam as *fabliaux*. Escritas inicialmente na França referem-se a contos curtos de humor, satíricos, com conteúdo obsceno, composto de episódios do cotidiano e frequentemente expunha críticas à Igreja, representando famílias de classe média e baixa. Além disso, Macedo (2004, p. 3) salienta que os *fabliaux* eram considerados narrativas, pois eram oriundos das tradições orais, as quais se originavam, normalmente, em ambientes públicos pertencentes à esfera social mais popular. Nessa perspectiva, *Os Contos da Cantuária* são considerados *fabliaux*, pois representam a diversidade da literatura medieval atrelada a uma heterogeneidade de personagens e histórias.

Finalmente, no que diz respeito ao “Conto do Homem-do-Mar”, objeto de análise deste artigo, trata-se de um conto fortemente marcado por influências comportamentais polêmicas à época, visto que o enredo em si criado pelo autor explicita questões sociais, como a quebra da imagem dos bons costumes femininos. Todavia, destacamos aqui o esclarecimento de condutas pejorativas ligadas ao personagem “Monge”. Essa é uma controvérsia chamativa, visto que Chaucer pertencia à elite social e, mesmo assim, utilizou-se do meio literário para tecer críticas e, categoricamente, expor escândalos religiosos.

Em conformidade com Chaucer, ao produzir o conto, o autor descreveu, detalhadamente, os padrões hierárquicos pregados por séculos pela igreja, mas que foram negados veementemente na mesma intensidade em que foram criticados. As ações do “Monge”, na narrativa, retratam a superioridade que se atribuía às figuras eclesiásticas, pois o mesmo utiliza de sua boa imagem social para desfrutar de prazeres e situações que não comprometam a sua integridade social. Notadamente, há uma apropriação de imagem ligada ao clero a fim de garantir ou, ao menos, apossar-se de situações benéficas, sejam individuais ou coletivas.

Diante das características aqui destacadas e de alguns elementos que ainda notaremos, acreditamos que os comportamentos presentes na espécie humana desde os primórdios medievais, seja baixa ou alta Idade Média, podem ser relacionados à contemporaneidade. Exemplo disso é o personagem John, descrito na obra *Os Contos da Cantuária*. Ele parece representar de modo preciso a ação de inúmeros representantes sociais, essencialmente, neste caso, do sacerdócio, que se apropriam indevidamente de suposta ‘santidade’ e idoneidade para assumir riscos sem culpa. Nota-se, também, a ocorrência de apropriação indevida do cargo, o que pôde ser percebido quando o monge se declara e tem vantagens sexuais com a esposa do mercador, que outrora esteve ausente. Nesse sentido, Macedo (2004, p. 18) afirma que

Nos *fabliaux*, os personagens que não têm afinidade com a nobreza, costumam ser ridicularizados ou satirizados. Observando, por exemplo, o tratamento reservado às aventuras sexuais, raramente o que é dado aos personagens pertencentes à nobreza é ignominioso: como amantes, em geral obtêm sucesso em suas empreitadas e, como maridos, geralmente conseguem descobrir os amantes e reverter a situação em benefício próprio. Ao contrário, a hierarquia da Igreja não é poupada. Nos contos de adultério, quando bispos, padres e monges se envolvem com mulheres da nobreza acabam sendo malsucedidos, mas conseguem o intento quando os

maridos enganados pertencem ao mundo do comércio, do artesanato urbano, ou desempenham trabalhos braçais no campo.

Em comparação com o trecho citado, o conto sugere um comportamento leviano por parte da mulher do mercador para com o Monge:

Estava casado com uma mulher de extraordinária beleza, e, ademais, apreciadora da vida social e dos prazeres mundanos, – ainda que o dinheiro que se gasta nas festas e nos bailes valha muito mais que os sorrisos e os cumprimentos que se ganham. Os olhares e os galanteios passam como sombras na parede... E azar daquele que tem que pagar a conta! (CHAUCER, 1988, p. 71)

Observa-se que o conto nos induz, a partir da leitura do excerto, a dirigir o foco para as ações cometidas pela esposa do mercador. Entretanto, ao considerar as características dos *fabliaux*, citadas anteriormente, há uma normalização sobre tais atos interligados à figura feminina. Nesse caso, a forma pejorativa mediante a qual os atos femininos são descritos não é surpreendente, pois, nos *fabliaux*, a insatisfação matrimonial, por parte da mulher, encaminhava a traição.

Em mais um momento do texto, lemos o seguinte:

Mas, por Cristo que derramou seu sangue por nós, no domingo que vem, por causa de uma dívida que fiz para poder vestir-me de modo apresentável e melhorar a imagem dele perante a sociedade, estarei perdida se não arranjar cem francos. Oh, eu preferiria não ter nascido a me tornar objeto de escândalo e de mexericos... Coitada de mim se meu marido vier a saber disso! É por isso que lhe imploro: empreste-me aquela soma, senão ele me mata! Por favor, Dom John, empreste-me os cem francos. Se me fizer isso, juro por Deus como não serei ingrata; não só lhe devolverei o dinheiro no prazo, como estarei a seu dispor para prestar-lhe os favores e serviços que puder, no que for de seu agrado. Se eu não cumprir minha palavra, que Deus me castigue com o mesmo rigor com que puniu o traíçoeiro Ganelon de França. (CHAUCER, 1988, p. 73)

Por mais que a esposa do mercador utilize o drama para conseguir o empréstimo que deseja, o comportamento do personagem, pertencente ao clero, não é contestado em momento algum, o que deveria, segundo a sua ocupação religiosa, ser abolido. Nota-se, também, um teor melancólico do mesmo para responder ao pedido da moça, evidenciando a esperteza de Sir John para se aproveitar:

Assim respondeu o gentil monge: “Em verdade, oh dona de meus sentimentos, tão condoído fiquei de sua situação, que lhe juro, com o penhor de minha palavra, que, assim que seu marido viajar para Flandres, vou livrá-la de suas preocupações; vou lhe trazer os cem francos.” E, ao dizer isso, agarrou-a pelos quadris, apertou-a com força contra si, e deu-lhe vários beijos. “Agora vá,” [sic] disse ele, “com cuidado e sem fazer barulho. E mande servir o jantar assim que puder, pois, de acordo com meu cilindro*, já estamos na hora prima. Vá. Cumpra a sua parte como vou cumprir a minha.” (CHAUCER, 1988, p. 73).

Conforme Medeiros e Zimmermann (2013, p. 234), na construção dos *fabliaux*, a imagem de personagens ligadas ao clero são para promover o riso, porque tais figuras apenas apresentam uma visão “dotada de cinismo e crueldade”. Além disso, os sacerdotes descritos durante esse período literário são considerados todos de caráter duvidosos, pois, assim como na obra de Chaucer, eles utilizam de esparrelas para conseguir satisfazer seus desejos, transferindo a culpa para a mulher; oferecendo, com isso, uma falsa imagem à sociedade.

Inegavelmente, aplicando o caráter já esperado e após encontros com a mulher a qual já chamara de “sobrinha”, o monge solicita um empréstimo ao mercador, o qual lhe concede, mas, seguindo os padrões literários dos *fabliaux*, o mesmo utiliza o dinheiro para emprestar a própria esposa do mercador, assim, cumprindo o que foi prometido:

No domingo seguinte à partida do mercador, eis que Dom John retorna a Saint Denis, com a tonsura e a barba perfumadas e aparadas. Na casa não havia criadinho, nem qualquer outra pessoa, que não se mostrasse satisfeitiíssimo com o regresso de meu senhor Dom John. E, para imos [sic] direto ao ponto, a bela mulher novamente lhe assegurou que, em troca daqueles cem francos, passaria a noite em seus braços, a disposição. E foi o que, de fato, ela fez. Foi uma agitada noite de alegria, até que finalmente o dia raiou e o monge foi-se embora, dizendo *adeus* e *passar bem* à criadagem (pois ninguém ali, nem na cidade, desconfiava dele). E assim cavalgou para a abadia, ou para outro lugar qualquer, – o que não nos interessa. (CHAUCER, 1988, p. 74)

Avista-se também a ausência de caráter provindo de uma ética fragilizada. Dessa forma, a fim de saciar desejos carnavais, o Monge influencia a esposa do mercador a cometer erros, pois visa obter relações sexuais em troca de um dinheiro que não lhe pertencia. O monge socialmente apresenta-se como detentor de características apazíveis; contudo, mediante a ausência do comerciante, o caráter degenerado revela-se, ferindo assim a possível “moral divina” utilizada por seguidores e devotos de religiões como o cristianismo.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A grandeza na obra *Os Contos de Cantuária*, de Geoffrey Chaucer, vai além das conquistas literárias e da enorme contribuição para o desenvolvimento da Língua Inglesa Medieval. Ainda que o conto selecionado para análise - “O Conto do Homem-do-Mar” - faça parte de uma série de narrativas, ele se destaca, pois, buscamos colocar em xeque uma série de comportamentos controversos, originados por um representante eclesiástico: o personagem Sir John, o Monge.

Uma vez que há a presença de clérigos em contos, constrói-se uma série de observações acerca de suas ações. Claramente, os grandes privilégios sociais são atribuídos desde os primórdios à igreja; ironicamente, as polêmicas, também. Desde a Idade Média, há evidências históricas e literárias que comprovem tais fatos, inclusive na obra analisada, a qual nos apresentou comportamentos religiosos questionáveis.

Levando em consideração esses aspectos, o conto de Geoffrey Chaucer nos possibilitou compreender que tais comportamentos ditos polêmicos a personagens ligadas ao clero, transcendem gerações, caracterizando-se comportamentos acrônicos. Os aspectos sociais religiosos são representados pela falsa conduta do personagem Monge, o qual recorreu a sua posição social, em conjunto com discursos amigáveis, para ferir condutas com a esposa de um amigo próximo.

Em face aos dados apresentados, entende-se que exista atemporalidade nos comportamentos que comprometem a integridade ética e moral religiosa. Portanto, o autor nos direciona a interpretar a heresia presente na classe clerical. Afinal, por meio de seus discursos convincentes e influenciadores, citando a todo tempo figuras religiosas, nota-se a perspicácia estratégica do personagem para satisfazer seus prazeres carnavais.

REFERÊNCIAS

ALVES, Alexandre F. **A CAVALARIA NOS CONTOS DA CANTUÁRIA: Possibilidades de leitura dos contos do Cavaleiro e do Escudeiro na obra de Geoffrey Chaucer.** Porto Alegre. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. 2016.



BADEL, P. Y. “Le conte”, In Idem, **Introduction à la vie littéraire du Moyen Age**. Paris, Bordas, 1969, p. 200.

BOSTICK, Curtis V. **The Antichrist and the Lollards**. Leiden: Brill, 1998. p. 23.

CHAUCER, Geoffrey. **Os Contos de Cantuária**. Apresentação e tradução direta do Inglês Médio de Paulo Vizioli. São Paulo: T. A. Queiroz, 1988.

LUIZ, Tiago M. **Um fermento italiano: Chaucer lê os italianos e satiriza a Inglaterra medieval**. Olho d’água, São José do Rio Preto, 10(2): 2018, p. 1–285.

MACEDO, José Rivair. **O real e o imaginário nos *fabliaux* medievais**. Revista Tempo (UFF), v. 9 n. 17, 2004 p. 9-32.

MEDEIROS, Márcia Maria de. ZIMMERMANN, Tânia Regina. **Um estudo de caso sobre as representações da mulher na literatura medieval: O Conto do Homem do Mar de Geoffrey Chaucer**. [s. l.]: *Outros Tempos*, v. 10, ed. 15, 2013, p. 225-243.

SCHEIDT, Déborah. **Marketing Medieval: a contemporaneidade de Geoffrey Chaucer**. Scripta UNIANDRADE, v. 04, 2006, p. 261.